

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
DE SE TIRAR O CHAPÉU
30 de agosto de 2022

THE LITTLE FOXES / 1941

(Raposa Matreira)

um filme de William Wyler

Realização: William Wyler / **Argumento:** Lillian Hellman, Arthur Kober, Dorothy Parker e Alan Campbell, a partir da peça homónima de Lillian Hellman / **Fotografia:** Gregg Toland / **Montagem:** Daniel Mandell / **Direcção Artística:** Stephen Goosson / **Direcção Musical:** Meredith Willson / **Figurinos:** Orry-Kelly / **Intérpretes:** Bette Davis (Regina Giddens), Herbert Marshall (Horace Giddens), Teresa Wright (Alexandra Giddens), Richard Carlson (David Hewitt), Patricia Collinge (Birdie Hubbard), Dan Duryea (Leo Hubbard), Charles Dingle (Ben Hubbard), Carl Benton Reid (Oscar Hubbard), Jessie Grayson (Addie), John Marriott (Cal), Russel Hicks (William Marshall), Lucien Littlefield (Manders), Virginia Brissac (Mrs. Hewitt), Terry Nibert (Julia), Alan Bridge (Gerente do Hotel), Charles R. Moore (Simon).

Produção: Samuel Goldwyn, para a R.K.O. / **Cópia:** 35mm, preto e branco, legendada eletronicamente em português, 116 minutos / **Estreia Mundial:** 12 de Agosto de 1941, Nova Iorque / **Estreia em Portugal:** 1 de Dezembro de 1941 no Tivoli.

A sessão tem lugar na Esplanada e decorre com intervalo de 15 minutos

Depois de **Jezebel** (1938) e **The Letter** (1940), **The Little Foxes** foi o terceiro filme que Bette Davis fez com William Wyler. Esta, depois do seu litígio com a Warner (que, segundo a actriz, lhe estava a impingir filmes que ela considerava medíocres), entrava na "segunda" fase da sua carreira, a fase em que renunciou definitivamente ao estereótipo da *star* de Hollywood, percebendo que o seu caminho não era o da diva, mas sim o da actriz. E não há dúvida de que Bette Davis foi, acima de tudo, uma actriz, porventura a melhor que Hollywood produziu, à excepção talvez de Katharine Hepburn. Trouxe para o écran a arte, a veracidade, a crueza dos palcos, sem nunca se inibir de fazer papéis de velha, feia e má, muito antes de os anos terem adequado a sua fisionomia a tais papéis. Fê-los com tal mestria que, num filme como **The Little Foxes**, quase nos esquecemos que Bette Davis e Teresa Wright parecem mais irmãs do que mãe e filha.

Muito se tem escrito acerca dos desentendimentos entre Wyler e Bette Davis durante os três filmes que fizeram, e a própria Bette Davis nunca se deu ao trabalho de os desmentir; antes, dá ideia que foi ela a responsável pelos ocasionais momentos de mau ambiente. Logo em **Jezebel**, Bette Davis informou Wyler de que gostaria que, a seguir a cada *take*, ele lhe dissesse exactamente se o seu desempenho tinha sido satisfatório. Sentia-se, pois, desconcertada pela "frieza" que Wyler imprimia às filmagens. Wyler vingou-se dela, dizendo sempre com um ar teatral: "marvellous, Miss Davis, marvellous", de tal modo que Bette começou a ansiar pelos silêncios enigmáticos de outrora. Quando chegaram à altura de fazer **The Little Foxes**, Bette Davis estava, ao que parece, apaixonada pelo realizador fleumático, o que não redundou num ambiente de trabalho muito feliz. E a desforra de Wyler foi o modo como a fotografou neste filme, realçando sempre a fealdade da personagem pelos enquadramentos bizarros que concebeu, raramente colocando a estrela no centro da tela, servindo-se quase sempre dos cenários e dos

adereços para comporem o quadro. Exemplos são, para além do plano antológico de Regina (Bette Davis) a ver-se ao espelho, lembrando-se, qual Marechala no **Cavaleiro Da Rosa**, da "Kleine Resi", o fabuloso plano de Bette Davis sentada no sofá "bicorné", de leque preto, a ouvir o dueto da filha angélica e da cunhada alcoólica; Bette Davis emoldurada pelo lanço de escadas tão significativo; Bette Davis em perfil a provar o vestido; etc. A sequência referida em que as personagens ouvem o piano (quase) em silêncio é muito própria de Wyler, que já em **Wuthering Heights** (1939) se servira dum momento semelhante para proceder a uma minuciosa análise psicológica das personagens, estáticas e em silêncio, unicamente por meio dos movimentos altamente expressivos da câmara. Há quem diga que o triunfo artístico, em ambos os filmes, é do director de fotografia, Gregg Toland, que, no mesmo ano de **The Little Foxes**, fez nada menos que **Citizen Kane** e que, com **Wuthering Heights**, ganhou o Óscar para a melhor fotografia. Trata-se de um ponto de vista que coloca problemas interessantes, mas que só valeria a pena discutir se se tratasse, hoje, de uma homenagem a William Wyler.

Em primeiro lugar, a própria narrativa apresenta uma amplitude tal que a acção se reveste do carácter de uma "saga"; há a apresentação, logo de início, de um universo fechado, sim, mas extremamente variado. Os vários níveis sociais, as várias histórias das outras personagens, tudo conspira para tirar a atenção de Regina. Mas essa fuga constante do foco do narrador e a repulsa da câmara pela personagem são genialmente aproveitadas por Davis para dar ainda mais força ao seu desempenho. Mesmo a própria maldade de Regina é diluída pelo facto da haver outras personagens ainda piores, incapazes, por exemplo, do amor que ela sente pela filha, ainda que, na mente de Regina, Alexandra (Teresa Wright) seja uma projecção de si própria. Bette Davis transforma todas estas desvantagens em apoios ou pontos de referência, em relação aos quais vai definindo e medindo ao longo do filme a sua força. Esta irrompe, claro está, na sequência celeberrima quando o marido está a morrer e ela se recusa a dar-lhe o medicamento ou, antes disso, na frase imortal "I hope you die. I hope you die soon. I'll be waiting for you to die". E quando ouvimos isto sabemos que Horace Giddens (Herbert Marshall) está prestes a morrer, pois a primeira coisa que se diz no filme acerca de Regina é "she ain't nobody to be kept waiting".

A partir deste momento não há outra força no filme que não a de Bette Davis, se bem que Teresa Wright, como deuteragonista, tenha também que se lhe diga. Depois da morte de Horace, há a sequência em que Davis, a falar com os irmãos, acede aos seus pedidos de ser "simpática" e sorri. Dificilmente nos poderemos esquecer de tal sorriso, mais terrível do que todas as boquinhas ácidas do resto do filme, onde a raposa nunca mostrou os seus dentes. Seguidamente temos a confrontação de Regina com a filha, durante a qual Bette Davis vai subindo as escadas, ascendendo, ao mesmo tempo, a novos cumes interpretativos. Quando chega ao cimo, ao quarto de Regina, é o deslumbramento do último plano do filme, o derradeiro *close-up*, totalmente arrepiante, da fisionomia que se transformou numa chaga viva de desespero e solidão.

À semelhança do que aconteceu com os outros dois Wylers da carreira de Bette Davis, **The Little Foxes** foi um filme de que mesmo aqueles críticos que normalmente a detestavam gostaram. Foi, também, juntamente com **The Letter** (1940) e **Beyond the Forest** (1949) de King Vidor, um dos seus três grandes filmes da década de quarenta, que consolidaram, pouco a pouco, o passado da *persona* que apareceria, em 1950, naquele que foi sem dúvida o seu melhor filme, **All About Eve**, de Joseph L. Mankiewicz. Regina Giddens é, pois, uma personagem fundamental da galeria Bette Davis. As rainhas, como Katharine Hepburn, Bette Davis ou Barbara Stanwyck podem morrer, mas as Reginas são imortais.

Frederico Lourenço